



ORIENTE MÉDIO

O plano: asfixiar a economia do Irã

Secretário do Tesouro dos EUA anuncia novas sanções contra setores críticos do país persa e ameaça excluir do sistema do dólar americano nações que lavarem dinheiro para Teerã. Regime iraniano promete “mais uma derrota” de Washington

» RODRIGO CRAVEIRO

O secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Scott Bessent, divulgou planos para asfixiar economicamente o regime iraniano, com a adoção de novas sanções a Teerã. Ao mesmo tempo, advertiu sobre graves consequências às nações que não se aliarem à campanha da Casa Branca. “Em todo o mundo, nosso objetivo é cortar cada tábua de salvação econômica que sustenta esse regime tirânico até que Teerã fique completamente isolada. Vamos exigir responsabilidades de todos, e isso é a asfixia econômica desse regime”, afirmou Bessent.

As novas medidas de retaliação financeira serão impostas sobre cinco setores estratégicos para o Irã: ativos digitais, tecnologia, ouro, aviação e transporte marítimo. Os Estados Unidos também prometeram cortar o acesso ao sistema do dólar americano a quem lavar dinheiro iraniano. “Qualquer entidade que facilite a lavagem de dinheiro em nome do Irã será excluída do sistema do dólar americano. O relógio acaba de começar a correr”, alertou Bessent.

Não parece ter sido o bastante para incomodar Teerã. Ali Madanizadeh, ministro da Economia do Irã, prometeu “mais uma derrota” para os EUA e garantiu que o regime conta com um “plano de dois anos” para enfrentar as novas sanções. “(Os Estados Unidos) Fizeram tudo o que podiam para testar a determinação do povo iraniano e dos líderes do país, mas fracassaram todas as vezes. Parece que queriam sofrer mais uma derrota”, afirmou. Consultado pelo **Correio**, Abdollah Nekounam Ghadiri — embaixador da República Islâmica do Irã no Brasil — minimizou o anúncio de Bessent. “Nem mesmo as declarações do presidente Trump merecem atenção. O que dirá do Tesouro americano, com uma dívida de US\$ 40 trilhões?”, declarou.

Especialista em geoestratégia do Atlantic Council (em Washington) e ex-conselheiro político do Pentágono, Imran Bayoumi considera que o anúncio de Bessent é “um reconhecimento de que a abordagem militar atual para pressionar o regime iraniano não está funcionando”. “É uma nova tentativa de asfixiar o regime e de ensaiar uma nova estratégia. Na ausência de objetivos específicos sobre o que se pretende alcançar, será difícil mensurar o

AFP



Mulheres diante de especiarias em mercado no centro de Teerã, capital iraniana: promessa de colapso econômico vista com desprezo pelo Irã

Facebook



sucesso dessa abordagem. Os Estados Unidos não deixaram claro quais são as áreas específicas que buscam abordar. Será difícil mensurar o sucesso dessa tática”, explicou ao **Correio**.

Por sua vez, o britânico Andrew A. Gawthorpe — expert em política externa dos EUA pela Universidade de Leiden (Holanda) e pesquisador senior do Foreign Policy Centre (em Londres) — avaliou que as novas sanções impostas pelo Departamento do Tesouro de Washington têm caráter secundário, por alvejarem os parceiros comerciais de Teerã. Ele lembrou

à reportagem que o Irã é um dos países mais fortemente sancionados do mundo. “O foco, agora, se volta para como pressionar as nações com as quais os iranianos mantêm relações comerciais a aderirem ao isolamento econômico de Teerã. Isso cria um dilema diplomático: como persuadir Rússia, China e Paquistão a acatar as pretensões dos EUA?”, questionou.

China

Para Gawthorpe, essa será uma tarefa difícil. Ele destacou que o principal alvo é a China,

ICE prende pai de tripulante de porta-aviões

Filho de nicaraguense, Joshua Áviles, marinheiro do porta-aviões USS Abraham Lincoln, fez o desabafo no Facebook. “Estou em missão há mais de nove meses, em alto-mar no Oriente Médio, lutando por um país que me deu tudo. Acabou de saber, por meio de uma ligação, que meu pai foi levado pelo ICE. Se vocês conhecessem meu pai, saberiam que é um homem trabalhador e humilde, sempre disposto a ajudar qualquer pessoa, se ele puder”, escreveu. “Meu pai tem carteira de motorista, cartão da Previdência Social e autorização de trabalho. Fizemos todos os trâmites de imigração para a aprovação do ‘green card’ dele e agora estamos apenas aguardando. Isso é de partir o coração para mim.” Joshua colocou em dúvida a própria capacidade de seguir na missão. “Não sei se, mentalmente, posso continuar trabalhando mais de 12 horas por dia, sabendo que meu pai está em algum lugar, possivelmente sendo tratado como um criminoso. O único ‘crime’ do meu pai foi vir a este país para dar aos meus irmãos e a mim um vida melhor.”

e afirmou que Trump pretende manter boas relações com Xi Jinping antes da reunião bilateral prevista para setembro. “Há um limite para o grau de pressão que a Casa Branca poderá exercer sobre essa questão”, disse. O estudioso holandês vê problemas na promessa dos EUA de excluir do sistema dólar qualquer país que lavar dinheiro para o Irã. “O primeiro ponto é o fato de que a descoberta sobre quem lavou dinheiro para Teerã exige investigações complexas, envolve recursos e coleta de informações de

inteligência. Há um limite para a capacidade de Washington realizar esse tipo de operação. Trata-se, também, de um jogo constante de ‘bater na toupeira’: você combate uma entidade e outra surge em outro lugar”, observou. Ele cita outro problema: muitas empresas que negociam com o Irã, como pequenas refinarias chinesas, não operam mais dentro do sistema de dólar. “Para aquelas que operam, essa exclusão pode dificultar as coisas, mas muitas encontrarão uma maneira de continuar atuando.”

Eu acho...



Brandon Payne/Scrandom Media

“O anúncio carece de detalhes específicos sobre o que exatamente os Estados Unidos farão. Para que essa abordagem funcione, os americanos precisarão da cooperação da China, visto que esta é uma importante parceira comercial do Irã. Caso contrário, os EUA poderão ter de adotar medidas coercitivas contra a China — algo que, até então, haviam relutado em fazer.”

IMRAN BAYOUMI, especialista em geoestratégia do Atlantic Council (em Washington) e ex-conselheiro político do Pentágono

Depois de permanecer 25 anos em posições de comando na Inteligência de Defesa de Israel (IDI), Danny Citrinowicz hoje ocupa o cargo de pesquisador senior do Programa Irã e Eixo Xiita do Instituto de Estudos de Segurança Nacional (INSS), em Tel Aviv. Ele entende que a campanha econômica divulgada pelo Tesouro dos EUA dependerá, em última análise, menos das sanções em si e mais da disposição e da capacidade de Washington de aplicá-las, especialmente contra a China. “Apesar de toda a relevância do anúncio, seu impacto real dependerá de os Estados Unidos estarem preparados para aplicar sanções secundárias contra países e empresas que continuem a fazer negócios com o Irã, incluindo parceiros, como a Turquia. Sem uma aplicação efetiva e crível, o anúncio em si terá alcance prático limitado”, advertiu ao **Correio**.

Segundo Citrinowicz, é importante não confundir pressão econômica severa com um colapso econômico iminente. O israelense admitiu que a economia iraniana atravessa uma situação extremamente difícil, mas está longe do colapso. “É pouco provável que Teerã abandone seus princípios ideológicos e estratégicos fundamentais apenas devido a uma pressão econômica adicional. Diante da escolha entre capitulação e escalada, o Irã tem muito mais probabilidade de optar pela escalada.”

COLÔMBIA

Temporada de caça aos imigrantes

Inspirado na política de “tolerância zero” adotada por Donald Trump, e personificada pelas batidas do ICE contra estrangeiros nos Estados Unidos, o presidente da Colômbia, Abelardo de la Espriella, deu ordens à polícia e às autoridades da área para iniciar, nesta semana, a deportação de imigrantes que vivem no país em situação irregular. A instrução foi dada no domingo, na reunião de um conselho de segurança em Barranquilla, com a determinação de que seja priorizada a detenção dos que tenham cometido crimes.

“A ordem à imigração é clara”, disse o presidente, como mostra um vídeo do encontro vazado para a imprensa. “Primeiro, os que

estão cometendo crimes; segundo, os que não têm a situação regularizada e que, no curto prazo, terão de ser deportados.” Novamente ecoando o lema de Trump sobre “a América (os EUA) em primeiro lugar”, De la Espriella proclamou: “Não vou aceitar a imigração ilegal. Primeiro, os colombianos, segundo os colombianos e terceiro os colombianos, para que fique claro para todo mundo.”

Abelardo de la Espriella, empresário sem experiência política anterior, venceu a disputada eleição presidencial de maio e junho com uma plataforma de ultradireita e um discurso centrado no combate à violência — no caso colombiano, não apenas o crime comum,

mas em especial a presença de grupos armados ilegais, como as guerrilhas de esquerda. Sua política de “tolerância zero” se inspira, também, na do presidente de El Salvador, Nayib Bukele, que construiu grandes presídios e tem recebido imigrantes irregulares (inclusive colombianos) deportados pelos Estados Unidos.

“Deportados! É uma ordem presidencial que deve começar a ser cumprida esta semana mesmo. Não vou aceitar imigrantes ilegais, de onde quer que venham”, discursou o presidente em Barranquilla, cidade que considera seu berço e na qual instalou uma sede de governo alternativa à capital, Bogotá. “É uma

decisão política, e eu a assumo. É uma decisão administrativa, e eu a assumo.”

Seis décadas de conflito armado interno contribuíram para que a Colômbia não fosse destino habitual de migração — ao contrário, a violência e a falta de oportunidades levou milhares de colombianos a deixar o país, na maior parte para viver nos EUA, mas também na Espanha. Na última década, porém, o país tornou-se o que mais recebeu venezuelanos refugiados da crise econômica e política. Em balanço recente, as autoridades do setor contabilizaram 2,8 milhões de imigrantes venezuelanos radicados no país até junho passado. Desse total, 527 estariam em situação irregular.



Esteban Vega La-Rotiza/AFP

Hora da reconstrução

Abelardo de la Espriella escolheu o departamento (estado) de Chocó, o mais pobre do país, para anunciar o início da uma operação bilionária de reconstrução dos danos sofridos com o forte terremoto que abalou a costa do pacífico e a região cafeeira da Cordilheira Central, no último dia 10, apenas três dias após a posse do presidente. Além de causar 329 mortos, o tremor destruiu mais de 30 mil de residências, escolas e hospitais e causou prejuízos estimados em US\$ 9,5 bilhões. Centenas de desabrigados continuam dormindo em acampamentos improvisados a céu aberto. “Hoje começou oficialmente a reconstrução da Colômbia”, proclamou De la Espriella. O governo deve começar a distribuir para os atingidos, a partir de amanhã, um subsídio de aluguel no valor equivalente a US\$ 285, a ser mantido pelos próximos três meses.